

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BELASARTES DE SÃO PAULO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HAB. EM RÁDIO E TV**

**A CONTRIBUIÇÃO DO CINEMA NA SIGNIFICAÇÃO DO MOVIMENTO LGBT:  
Uma análise a partir da teoria Sócio Histórica da letra L**

**Orientando: Pedro Lobo Pereira da Silva  
Orientador: Irene Barone**

**RESUMO**

Este artigo utiliza-se do cinema como um elemento de análise a partir da psicologia sócio histórica para apresentar as semelhanças e diferenças na representação da figura lésbica em diferentes momentos históricos. As teorias de S. Vygotsky e seus companheiros soviéticos acerca dos produtos artísticos e o desenvolvimento da subjetividade humana foram utilizadas como apoio teórico e aplicadas na análise de três filmes: “Infância” (1961), “Flores Raras” (2013), “Azul É A Cor Mais Quente” (2013). O contexto histórico em que cada obra foi desenvolvida é de grande impacto na maneira como cada abordagem do tema é feita, assim como quais elementos são dispostos na tela.

Palavras-chave: Cinema. LGBT. Psicologia.

**ABSTRACT**

This paper uses the cinema as an element of analysis through the social-historical psychology theory to present the similarities and differences around the representation of the lesbian figure through different historical moments. The theoretical reference of S. Vygotsky and your Soviet companions around artistic productions and the development of human subjectivity were applied as theoretical support for the analysis of the following three movies: “The Children’s Hour” (1961), “Reaching For The Moon” (2013), “Blue Is The Warmest Color” (2013). The historical context of each production impacted on the theme approach, as much as the content of the images on the screen.

Key-words: Cinema. LGBT. Psychology.

**INTRODUÇÃO**

Este artigo buscou apontar a contribuição da arte na constituição da subjetividade dos indivíduos, sendo o cinema a linguagem escolhida para abordar o tema homoafetividade feminina. A escolha desse foco para investigação deu-se pela observação do aumento das discussões e produções acadêmicas acerca da temática referente à comunidade composta por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) e, portanto, pretende contribuir para o preenchimento dessa lacuna. O ponto central deste trabalho está na análise dos filmes selecionados mediante o referencial teórico da Psicologia Sócio Histórica, apoiada pela pesquisa bibliográfica.

O artigo está constituído inicialmente por um percurso histórico com base na publicação “*A Little Gay History*”, seguido da apresentação dos conceitos básicos da psicologia sócio histórica, segundo o psicólogo S. Vygotsky. A análise dos filmes pautou-se nessa teoria, na busca do entendimento do impacto na subjetividade advindo da reflexão do contexto das histórias contadas. A discussão detém-se no lesbianismo, atribuindo significados à Letra L da sigla LGBT.

## **1 – Contexto Histórico (De Safo à Daniela Mercury)**

De acordo com as palavras do historiador R. B. Parkinson (2013, pag. 6) acerca de demonstrações do desejo entre indivíduos do mesmo sexo ao longo da história, “homossexualidade não é somente a, já bem conhecida, relação entre os homens gregos”.<sup>1</sup> Porém, a terra de Sócrates, Platão e Antinous, amante do Imperador Adriano, era também lar de Safo, a respeitada poetisa grega. Apesar das histórias referentes à sua origem serem extremamente controversas, acredita-se que Safo tenha residido na cidade de Mitilene, capital da ilha grega de Lesbos, entre 630 e 570 AC. Ainda segundo Parkinson (2013, pag. 44), em meio a uma sociedade regida pelo poder masculino que, inclusive, permitia culturalmente a relação sexual entre dois homens, Safo “foi a líder de um grupo livre de amarras sociais e religiosas composto por jovens mulheres solteiras”. Sua poesia com elementos eróticos não se livrou da censura de líderes políticos, mas ainda representava uma voz feminina em um mundo onde as mulheres não exerciam nenhum papel de destaque nos campos artísticos e culturais. A prova da intolerância para com sua obra é clara, já que nos restam apenas fragmentos de seus poemas, nos quais é evidente a evocação do desejo e da intimidade feminina. O teor sensual de seus textos, sempre tomando mulheres como referencial, atribuiu à Safo a denominação que, hoje, consideramos como lésbica. Nomenclatura, essa, que foi instaurada a partir do século XIX, como uma referência à ilha grega que era a terra natal da poetisa. Nos textos do escritor satírico grego, Lucian de Samosata, que viveu durante o primeiro século AD, encontram-se menções à terra de Safo, e conforme Parkinson (2013, pag. 52): “Dizem que tem mulheres assim em Lesbos, com cara de homem, e relutantes em se envolver com homens, somente com mulheres, como se elas mesmas fossem

---

<sup>1</sup> PARKINSON, R. B. **A Little Gay History**. Londres: The British Museum Press, 2013. – Tradução Livre

homens.” A corajosa Safo é considerada uma importante figura para a literatura da Grécia Antiga. Em suas próprias palavras: “Tenho certeza de que as pessoas vão lembrar de nós”. (Parkison, 2013, pag. 44)

E lembraram. Talvez não da maneira como a poetisa tinha imaginado, mas lembraram. As mudanças sociais com o passar dos séculos proporcionaram um forte avanço do Cristianismo no continente Europeu. Conforme citado em site especializado, São João Crisóstomo (347 – 407 AD), Santo Anselmo da Cantuária (1033 – 1109 AD) e São Tomás de Aquino (1225 – 1274 AD) foram alguns importantes representantes do Cristianismo e da teologia que classificaram, nas palavras do último “um dos vícios contra a natureza o coito entre fêmea e fêmea.”<sup>2</sup> Uma extensa gama de teólogos tomou essas condenações como referencial e classificou as relações lésbicas como um pecado da luxúria. Ainda, segundo consta em site especializado<sup>3</sup>, o aventureiro e escritor francês conhecido como Pierre de Brantôme (1540 – 1614), era famoso por suas conturbadas histórias amorosas. Dentre as damas com qual manteve uma relação, a rainha-mãe Catarina de Médicis era a mais ilustre figura de seu *hall* de convivência. Pierre foi chegou a ser um dos protegidos da rainha. O enaltecimento da figura feminina era um dos elementos de maior destaque em seus textos, em um dos quais ele empregou a palavra “lésbica” pela primeira vez, fazendo alusão direta à terra natal da poetisa Safo, caracterizando mulheres que sentiam desejo e atração por outras damas.

No final do século XIX, a psicologia converteu seus interesses nas relações sexuais em uma ciência denominada sexologia, que tinha por objetivo entender os envolvimento carnais sob um aspecto científico. Junto da zoofilia, do fetichismo e do sadomasoquismo, o lesbianismo foi considerado uma perversão patológica. As lésbicas eram consideradas doentes pois seu estilo de vida era bem diferente da normatizada e esperada figura da esposa, mãe e protetora do primogênito que toda mulher deveria assumir de acordo com as convenções vigentes. Os psicólogos estabeleceram estereótipos referentes à figura lésbica: Uma delas recebia as características do provedor, representando uma figura masculina; já a outra

---

<sup>2</sup> [www.lesbianas.tv](http://pt.lesbianas.tv), História do Lesbianismo. Disponível em: <http://pt.lesbianas.tv/historia-do-lesbianismo.htm> Acesso em 12 de Julho de 2015.

<sup>3</sup> Id

exerceria o papel de mãe, representação clara de uma figura mais feminina. As últimas, recebiam o título absurdo de “pseudolésbicas”.<sup>4</sup>

Evidentemente, desde os textos poéticos de Safo, a arte mostra-se uma grande aliada dos homossexuais, proporcionando meios de destaque, seja através de obras literárias ou esculturas, passando por quadros e peças teatrais. Entre o final do século XIX e início do século XX, as mulheres passam a se destacar em suas devidas funções e cargos no mercado de trabalho. A união dessas duas constatações impulsionou o surgimento de grandes nomes que fariam diferença em meio à, ainda inexistente, cultura LGBT.

O tranquilo bar Stonewall Inn, frequentado por homossexuais no ano de 1969, foi cenário de um marco no histórico da comunidade LGBT. De acordo com o documentário relacionado ao tema<sup>5</sup>, a partir de uma invasão injusta por parte de polícias, os frequentadores do bar se revoltaram e partiram para confronto aberto contra as autoridades, instaurando o evento conhecido como A Revolta de Stonewall. Tal marco serviu de impulso para que movimentos LGBT pré-existentes ganhassem força, proporcionando aos membros dessa comunidade uma visibilidade político-social que estimulavam uma nova forma de se pensar que se tratava de ter visibilidade e atitude. Importante ressaltar que nesse período ficou clara que, a luta para a conquista de direitos para lésbicas, gays e transexuais, era a mesma, despertando um inédito sentimento de união entre as devidas parcelas. Já nos anos 70, a ideia de se assumir para familiares e amigos vinha mais à tona, conduzindo aos poucos à aceitabilidade mais próxima de nossa realidade atual. Essa atitude contribuía diretamente na busca de direitos tão visados pelos homossexuais ao longo dos séculos. A arte e cultura gay começa a retratar, indivíduos que demonstravam com orgulho quem eram.

---

<sup>4</sup> Referência extraída do site: <http://pt.lesbianas.tv/historia-do-lesbianismo.htm>, de autoria de [www.lesbianas.tv](http://www.lesbianas.tv)

<sup>5</sup> OUTRO Lado de Hollywood, O. Direção: Jeffrey Friedman. Rob Epstein. Produção: Jeffrey Friedman e Rob Epstein. [S.l.]: Home Box Office (HBO), 1995. Color. Arquivo digital.

De acordo com o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (2011)<sup>6</sup>, a homossexualidade passou por um tardar processo de despatologização apenas no final dos anos 90. Muitos movimentos militantes colaboraram com reflexões pertinentes que contribuíram para tais mudanças. No entanto o preconceito contra homossexuais, denominado de homofobia, até hoje, é um fator presente na sociedade e impactante na vida dos LGBT.

Podemos tomar como exemplo desse processo evolutivo o cenário musical da Música Popular Brasileira (MPB). Durante as década de 80, as únicas cantoras a declararem abertamente seu desejo por pessoas do mesmo sexo eram as cantoras Angela Ro Ro e Marina. Cássia Eller, na década de 90, não escondia sua homossexualidade e conseguia manter seu sucesso merecido, fato que serviu de incentivo para que mais artistas se assumissem lésbicas. Atualmente, muitas cantoras falam publicamente de suas orientações sexuais: Adriana Calcanhotto e a filha de Vinícius de Moraes, Suzana de Moraes, formam um casal; Maria Gadú não esconde suas relações amorosas com outras mulheres; assim como Daniela Mercury acabou por se casar com a jornalista Malu Verçosa. Essas histórias da vida real servem como um bom exemplo do progressivo processo de tolerância que figura na sociedade em relação à figura dos homossexuais de maneira geral.<sup>7</sup>

Através da história de personalidades e obras marcantes, fica claro as origens e as dificuldades encontradas pelas representantes da letra L da comunidade LGBT ao longo da história. Como já explicitado, a arte de contar histórias, seja através de livros ou obras das artes clássicas como esculturas e quadros, sempre foi uma aliada à luta dos homossexuais. Longe do esquecimento, uma arte em particular será destaque de um capítulo. Conhecida como a sétima arte, o cinema também sempre contribuiu para os moldes sociais e também foi um forte aliado na luta à favor de grupos sociais desfavorecidos. Nos capítulos a seguir, vamos conhecer mais um pouco da relação do cinema com o histórico das lésbicas, com destaque para três obras em particular.

---

<sup>6</sup> CONSELHO Regional de Psicologia SP. **Cadernos Temáticos CRP SP 11 – Psicologia e Diversidade Sexual**. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia SP, 2011.

<sup>7</sup> Fabio Augusto dos Santos, Famosas assumem cada vez mais a homossexualidade. Disponível em: <http://contamais.com.br/noticias/nacionais/famosas-assuem-cada-vez-mais-a-homossexualidade/14995> Acessado em 14 de Julho de 2015.

## **2 – Apoio Teórico: A Psicologia Sócio Histórica**

É de longa data o embate que existiu entre determinados conceitos que definiam a psicologia. Muitos insistiam em denominá-la como um estudo referente exclusivamente às questões comportamentais. Conceito esse que pode ter derivado da vasta popularidade e disseminação conquistadas pela teoria behaviorista<sup>8</sup>. Alguns sentiam a falta de uma relação entre a psicologia e conteúdos de cunho filosófico e dialético. A abordagem de temas como os sugeridos possibilitaria a elevação da psicologia de um patamar simplista a um nível de vasta complexidade. Assim, com base nos ideais marxistas, alguns intelectuais que demonstravam interesse na área de conhecimento da psicologia (soviéticos, em sua maioria), abraçaram o desafio de formular uma nova psicologia, como denominada na época.

Assim surgiu o viés da psicologia denominado como Sócio Histórica. Não podemos abordar tal assunto sem ressaltar o nome de Vygotsky<sup>9</sup>. O fundamento principal é o entendimento de que o psiquismo humano tem origem social e histórica. Como pressupostos dessa teoria apontamos: o homem produz e utiliza instrumentos, signos e símbolos sociais; a mediação pela cultura como elemento que possibilita a apropriação da produção humana; a linguagem como instrumento de mediação.

A partir de questionamentos que relacionavam a arte e a psicologia, Vygotsky constatou a falta de um ramo da psicologia que cobrisse o fundamento teórico necessário para o desenvolvimento de sua pesquisa. Foi através de estudos referentes à criatividade e às obras artísticas que Vygotsky percebeu um vínculo entre o contexto histórico, o indivíduo, psicologia e arte. Vygotski acreditava que:

A obra criadora se constitui num processo histórico consecutivo no qual cada nova forma se apoia nas precedentes. Dessa maneira,

---

<sup>8</sup> Movimento da psicologia surgido no início do sec. XX, que tinha como objeto de estudo o comportamento observável.

<sup>9</sup> Lev Semenovich Vygotsky foi um psicólogo bielo-russo. Ficou importante pelo seu pioneirismo ao postular que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida. (<http://www.infoescola.com/biografias/vigotski/>)

toda invenção, por genial que seja, é sempre produto de sua época e seu ambiente. (FREITAS, 1994, pag. 77)<sup>10</sup>

Vygotsky aplicou esse fundamento ao definir a subjetividade humana como um conteúdo psicológico muito importante no psiquismo humano, construído a partir das interações com outros indivíduos no meio social/cultural. A subjetividade dos humanos está sujeita às concepções morais e comportamentais vigentes na data de nascimento e crescimento do indivíduo. Ou seja, os conceitos presentes na sociedade em determinada fase da vida do indivíduo, influenciam diretamente em sua concepção sobre determinados assuntos e acontecimentos, por meio das interações sociais estabelecidas.

Vygotsky, buscando a compreensão do processo do desenvolvimento humano, postulou que a complexidade desse processo está contida nas relações entre história individual e social. Entre os pontos centrais de sua teoria está a introdução da condição sociocultural no desenvolvimento das funções psíquicas superiores<sup>11</sup>, mas concordando que sejam provenientes de processos psicológicos elementares de origem biológica.

Partindo do pressuposto da necessidade de estudar o comportamento humano como fenômeno histórico e socialmente determinado, Vygotsky e seus seguidores dedicaram-se principalmente à construção de estudos-piloto que pudessem atestar a ideia de que o pensamento adulto é culturalmente mediado, sendo que a linguagem é o meio principal desta mediação.<sup>12</sup>

Nessa perspectiva, há a interiorização do que é produzido pela cultura e, em consequência, há manifestações comportamentais que, então, são de natureza social/cultural. Desta forma, a imersão na cultura é uma dimensão importante na constituição da subjetividade, dos saberes, da consciência e dos comportamentos manifestados por determinada sociedade. Assim, o desenvolvimento humano pressupõe a interação dialética do homem com seu meio físico-cultural e implica que a ação do homem transforma o seu meio e provoca transformações em si mesmo e seu comportamento.

---

<sup>10</sup> FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky & Bakhtin – Psicologia e Educação: Um Intertexto**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

<sup>11</sup> Funções superiores: percepção, memória, atenção, pensamento, linguagem, volição e outras.

<sup>12</sup> REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 12. ed. São Paulo: Vozes, 1995.

Segundo escritos de Barroco & Superti (2014)<sup>13</sup>, referindo o pensamento vygotskiano, a arte está em constante relação com a realidade, intrinsecamente ligada à vida das pessoas, às relações sociais de cada época. A partir disso podemos compreender que o conteúdo, o estilo, o formato artístico são apreendidos da realidade objetiva. Ainda, em Barroco & Superti, pelos pressupostos do autor estudado, destaca-se que há sim relação entre arte e psicologia. A arte tem natureza social e, portanto, desenvolve psiquismo, a subjetividade, os modos de agir, de pensar, de sentir, de opinar, de transformar, e são apreendidos nas relações sociais, por meio da ação humana, dentro de um contexto histórico.

Concordamos que a produção artística (ação do homem) provoca desenvolvimento humano. Para Vygotsky a arte é mediadora entre indivíduo e mundo.

### **3 – O Cinema**

Mediante o conteúdo teórico apresentado por Vygotsky e seus companheiros, podemos refletir quanto a influência que advém dos diversos meios midiáticos que somos expostos diariamente. Enxergamos nos produtos audiovisuais um sinônimo certo de entretenimento. Por isso, os buscamos com surpreendente frequência, seja nos aparelhos celulares, nas telas de computadores e televisões. Com o cinema não é diferente. Por ventura, foi a partir de sua linguagem que se originou produtos que hoje fazem parte do nosso cotidiano: Novelas, séries de TV, programas televisivos dos mais diversos formatos. Desde seu nascimento pelas mãos dos Irmãos Lumière, até a revolução imagética proposta por D. W. Griffith, o cinema sempre promoveu alarde por onde passou. Aos olhos da psicologia sócio-histórica, é capaz de deixar marcas até hoje. Além de exercer um papel influente como mediador de opiniões, é de grande influência para a construção da subjetividade.

---

<sup>13</sup> BARROCO, S.M. & SUPERTI, T. (2014). **Vygotsky e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento para o desenvolvimento humano.** *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 22-31.



Apesar do glamour envolto aos interesses capitalistas por trás da indústria cinematográfica, o cinema nos presenteou com muitos produtos alinhados às mais diversas causas sociais, proporcionando visibilidade para grupos sociais em condição desfavorecida e trazendo à tona situações e questionamentos que não estão presentes no cotidiano da maioria.

A seguir, discutiremos a importância do cinema para com três obras que abordaram relacionamentos lésbicos como mote principal. São os filmes:

- “Infâmia” – 1961, dirigido por William Wyler.
- “Flores Raras” – 2013, dirigido por Bruno Barreto.
- “Azul É A Cor Mais Quente” – 2013, dirigido por Abdellatif Kechiche

### **3.1 - Infâmia (1961)**

Proibida em diversas localidades do território americano, “Infâmia” estreou na Broadway no ano de 1934 apresentando à audiência uma história delicada, revelando aos poucos o, até então escandaloso e imprudente, sentimento amoroso vindo de uma mulher e direcionado a outra mulher. Inspirado pela peça da dramaturga estreante, Lillian Hellman, o diretor William Wyler estava disposto a levar a polêmica narrativa diretamente para as telas de cinema.

“Infâmia”, narra a história de duas jovens professoras, Martha e Karen, que, mediante o final da vida universitária, resolvem abrir uma pequena escola para garotas, a qual ambas administram e ministram aulas. Mary, uma aluna particularmente mentirosa e exagerada, espalha um boato de que Karen e Martha mantêm um relacionamento amoroso. A mentira gera uma grande repercussão negativa perante toda a cidade, prejudicando o relacionamento de Karen e seu noivo, Jon, e levando a pequena escola à falência.

William Wyler não contava com as limitações impostas pelo Código de Hays<sup>14</sup>. Durante a década de 20 e 30, alguns produtos cinematográficos passaram a exibir conteúdos que, de acordo com as ferrenhas críticas originadas por fundamentalistas e pela Igreja Católica, eram imprudentes e não condiziam com as convenções sociais vigoradas na época. O resultado é a reunião de um grupo de magnatas empenhados na tentativa de “salvar Hollywood”. Nasce o Código de Hays, inspirado no nome de Will Hays, um dos participantes das reuniões e o primeiro a criar uma tentativa de autocensura ao cinema. O Código censurava quaisquer filmes que apresentassem em seu conteúdo, por exemplo, cenas de violência, vulgaridade, blasfêmia, miscigenação, beijos prolongados, entre outros elementos. Funcionando sob a pressão de uma outra instituição criada pela Igreja Católica, a Legião da Decência, a censura advinda do Código de Hays tinha o poder de alterar a trama e o roteiro de um filme, assim como o direcionamento dos personagens e os diálogos. A adaptação cinematográfica, em decorrência dos fatos sociais e culturais da época, fez com que a produção de “Infâmia” fosse prejudicada pela censura, já que muito de seu conteúdo original foi alterado. O roteiro proposto por William Wyler foi modificado de modo que o viés homossexual da obra fosse completamente sufocado por um triângulo amoroso, cujo pivô era um homem. Em 1936 nascia mais uma vítima da censura, o filme “These Three”, uma mera tentativa reprimida de adaptação da obra de Lillian Hellman.

O documentário “O Outro Lado de Hollywood” (1995) deixa explícito que, não contente com a censura, os personagens com meras insinuações homossexuais presentes nas obras cinematográficas produzidas durante essa época, ou revelavam-se grandes vilões, ou apresentavam tendências suicidas e depressivas. Descontentes com a censura imposta aos filmes, grande parte do público passou a procurar produtos audiovisuais vindos da Europa. Ou seja, o período em que o Código de Hays vigorou serviu de alavanca para o cinema europeu independente. Aproximadamente três décadas depois, quando a influência exercida pelo Código de Hays já não direcionava os pensamentos e conteúdos com tanta rigidez e o público começava a exigir conteúdos mais próximos da realidade, William Wyler teve a oportunidade de desenvolver uma nova adaptação da peça de Lillian Hellman,

---

<sup>14</sup> O Outro Lado de Hollywood, 1995

“Infâmia”. E, dessa vez, a trama prestava maior fidelidade ao conteúdo da peça, e foi permitida a exploração do conteúdo homossexual, essencial para o desenrolar da trama. Uma grande vantagem presente na nova adaptação se encontrava no elenco. Dois nomes de peso para os papéis principais: Audrey Hepburn no papel de Karen; e Shirley MacLaine no papel de Martha.

A abordagem sutil do tema não foi o suficiente para que o filme não fosse considerado chocante para a época de seu lançamento. Indícios presentes na própria película comprovam essa sugestão. Por exemplo, em nenhum momento as personagens são intituladas como homossexuais, muito menos como lésbicas. Após a grande comoção em volta dos rumores espalhados por Mary, qualquer mínima referência à possibilidade do romance entre as professoras é expressado com um espanto exageradamente dramático, transmitindo a impressão de se tratar de algo muito grave. E, no ano de 1961, aquilo, de fato, era muito grave. O próprio título da obra expressa o teor forte presente nos termos usados para descrever os rumores de Mary. O filme pode ser visto a partir de uma ótica contrastante com os traços da sociedade atual, que, apesar de encarar considerável preconceito direcionado a toda a comunidade LGBT, consegue lidar com essa temática de maneira mais maleável e muito mais aberta a novas possibilidades em relacionamentos afetivos.

A adaptação de “Infâmia” de 1961 talvez tenha passado pela censura sem grandes empecilhos, mas ainda carrega enraizada em sua cerne, a imagem estereotipada dos homossexuais da época. O trágico final de Martha enquadra “Infâmia” no hall de filmes que retratavam personagens homossexuais tristes, depressivos e suicidas. Elemento da obra que pode ter sido empregado de maneira proposital pela autora, para reforçar a dificuldade em lidar com uma natureza considerada abominável pela maioria dos indivíduos da época. No entanto, a obra é, sem dúvidas, corajosa. Figura entre os poucos exemplos que filmes que tiveram a coragem de abordar temática tão polêmica em tempos bem distintos à nossa realidade atual.

### **3.2 - Flores Raras (2013)**

O surgimento da AIDS nos anos 80 suscitou um vasto debate sobre o modo de vida dos homossexuais e colocou a comunidade LGBT como centro de uma discussão disseminada. O impacto foi além do social e biológico e também chegou aos filmes, que passaram a abordar com maior frequência a temática homossexual. Paralelamente, durante as décadas de 80 e 90, Hollywood demonstrou maior interesse em produções com personagens homossexuais, enxergando nesses produtos um potencial comercial. Diversos fatores proporcionaram ao cinema a liberdade atual de explorar a temática homossexual através de tantas perspectivas: A explosão do cinema gay durante o Sundance de 1992; a popularização do DVD; o Oscar conquistado por Hilary Swank pelo filme “Meninos Não Choram” (1999); entre outros momentos.<sup>15</sup>

A adaptação cinematográfica de Bruno Barreto, “Flores Raras”, é baseada no livro “Flores Raras e Banalíssimas”, de Carmen L. Oliveira. A narrativa nos apresenta a história de amor real entre Lota de Macedo Soares, arquiteta brasileira, e Elizabeth Bishop, poeta norte-americana. Os eventos do filme são apresentados de maneira linear: Ano de 1951. Elizabeth viaja ao Rio de Janeiro, Brasil, para visitar uma ex-colega de faculdade e também para buscar em novos ares inspirações para seus poemas. Mary, sua amiga, mantém um relacionamento com Lota, arquiteta brasileira muito bem sucedida. O convívio durante essa breve visita é o suficiente para que Lota se apaixone por Elizabeth.

“Flores Raras” é ambientado na década de 50, um momento pré-Infância com Audrey Hepburn e Shirley MacLaine. É perceptível a conversa entre as obras por compartilharem de uma significativa aproximação temporal na ficção. Vale ressaltar o termo “na ficção”, já que a adaptação de Bruno Barreto foi lançada comercialmente no ano de 2013. Ou seja, encontramos elementos explícitos em “Flores Raras” que se distinguem do clima velado que permeia a adaptação de William Wyler. “Flores Raras” apresenta insinuações sexuais, beijos explícitos, elementos que, atualmente são aceitos pelas convenções sociais em vigor. Porém, o filme se mantém fiel ao comportamento perante os homossexuais nas décadas de 50 e 60. Lota, Mary e Elizabeth vivem de maneira discreta; Lota enfrenta problemas familiares por conta

---

<sup>15</sup> FABULOSA História do Cinema Gay, A. Direção: Lesli Klainberg. Lisa Ades. Produção: Lesli Klainberg e Lisa Ades. [S.l.]: IFC Films, 2006. Color. Arquivo digital.

de sua orientação sexual; em determinada cena, Lota beija Elizabeth na frente de uma criança e é repreendida por Mary. “Flores Raras revela a intimidade de um casal composto por duas mulheres, elemento que não pode ser explorado por “Infância”, não só pelo contexto diferente apresentado pela obra de Lillian Hellman, mas também por conta do contexto histórico dos anos 60, que não permitia que tais momentos fossem transpostos para a tela. Diferente de Martha, Lota não tem medo de amar Elizabeth, mas ambas compartilham do mesmo final trágico por motivações distintas. No entanto, a linguagem trágica e depressiva dos filmes das décadas de 50 e 60, também se mostra presente no filme de Bruno Barreto.

### **3.3 - Azul É A Cor Mais Quente (2013)**

Em 2013, mesmo ano de lançamento de “Flores Raras”, o filme “Azul É A Cor Mais Quente” ganhou vida nas telas de cinema, conquistando um vasto público e diversas premiações especializadas. O filme é uma adaptação da história em quadrinhos de mesmo nome da autora Julie Maroh.

A história apresentada nas páginas difere em alguns elementos da história exibida nas telas. O viés dramático e trágico da história em quadrinhos aparece de maneira mais comedida durante o filme, que ainda assim, é marcado por sequências dramáticas fortes. A principal diferença está na conclusão da história em quadrinhos, que se aproxima diretamente dos finais propostos em “Infância” e em “Flores Raras”. Mais uma vez é reforçado o estereótipo de homossexuais tristes e depressivos. É importante ressaltar que existe um motivo para que tais representações sejam fomentadas atualmente, afinal ainda vivemos em uma sociedade estruturada por comportamentos que advêm de conceitos do patriarcalismo<sup>16</sup>, que vai de encontro a determinados traços da identidade homossexual, como por exemplo, o simples fato de se estabelecer uma relação afetiva com um indivíduo do mesmo sexo.

O principal enfoque do filme, como explícito no título em francês (“La Vie d’Adèle”) é apresentar parte da vida de Adèle. Acompanhamos desde o despertar de sua sexualidade através de relações sexuais com o namorado, a confusão quanto a

---

<sup>16</sup> O termo é empregado a partir da conotação referente à supremacia e dominância da figura masculina nas relações sociais e familiares.

sua orientação sexual ao se apaixonar por Emma, uma linda mulher de cabelos azuis; até o início de sua vida adulta, quando Adèle já atua como professora em uma escola para crianças e mantém um relacionamento estável com Emma. Ao se envolver com um colega de trabalho, é expulsa de casa por sua amada. A partir de então, acompanhamos a triste ruína de um relacionamento. Diferente da história em quadrinhos, o filme opta por um desenrolar menos trágico, e ainda assim, conta com cenas dramáticas muito marcantes.

O preconceito, elemento muito forte e com grande presença nas obras “Infâmia” e “Flores Raras”, também mostra-se presente aqui. No entanto, de maneira mais comedida, retratando uma realidade mais próxima do contexto atual, portanto, mais flexível quanto às questões de gênero e sexualidade; cenário bem distinto do encontrado nas duas obras analisadas anteriormente.

“Azul É A Cor Mais Quente” promove uma reflexão semelhante a “Flores Raras” ao apresentar um relacionamento concreto, mostrado na tela através de simples beijos à cenas de atos sexuais explícitos. Diria que o filme vai além de “Flores Raras”, já que seu conteúdo é mais denso e explícito.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora o cinema seja ficcional, é um mediador importante entre a realidade e o desenvolvimento da subjetividade individual e coletiva e, conseqüentemente, dos comportamentos de cada momento histórico. Atualmente, a ótica em relação aos relacionamentos homoafetivos é bem diferente da encontrada nos anos 50 e 60. O histórico de movimentos sociais e o espaço midiático conquistado por figuras homossexuais assegurou mudanças significativas nos conceitos instituídos pela sociedade. Atualmente, o cinema usufrui de liberdade impar se comparado a momentos, por exemplo, em que o Código de Hays estava em vigor. O desafio atual é abordar as diferentes vertentes que a própria comunidade LGBT criou. Medidas como maior atenção às parcelas L, B e T também são válidas, já que o mercado cinematográfico dedica interesse sobremodo à parcela G, ou seja, masculina, da comunidade.

## REFERÊNCIAS

A FABULOSA História do Cinema Gay. Produção de ADES, Lisa e KLAINBERG, Lesli. Nova Iorque: IFC Films, 2006. 1 cópia digital.

BARROCO, S.M. & SUPERTI, T. **Vygotsky e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano.** *Psicologia & Sociedade*, 26 (1). Belo Horizonte: Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2014.

CONSELHO Regional de Psicologia SP. **Cadernos Temáticos CRP SP 11 – Psicologia e Diversidade Sexual.** São Paulo: Conselho Regional de Psicologia, 2011.

O OUTRO Lado de Hollywood. Produção de EPSTEIN, Rob e FRIEDMAN, Jeffrey. Nova Iorque: HBO, 1995. 1 cópia digital.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e Educação: Um Intertexto.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

PARKINSON, R.B.. **A Little Gay History.** Inglaterra: The British Museum Press, 2013.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** São Paulo: Vozes, 1995.

DOS SANTOS, Fabio Augusto. Famosas assumem cada vez mais a homossexualidade. **Conta Mais**, São Paulo, 10 nov. 2013. Disponível em: <<http://contamais.com.br/noticias/nacionais/famosas-assuem-cada-vez-mais-a-homossexualidade/14995>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

[WWW.LESBIANAS.TV](http://WWW.LESBIANAS.TV). História do Lesbianismo. **Lesbianas.tv**, 2004. Disponível em: <<http://pt.lesbianas.tv/historia-do-lesbianismo.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2015. 48